

ATÉ QUANDO?! O HOLISMO DA REALIDADE

Os acontecimentos atuais loconacionais e internacionais vêm nos comprovar a impossibilidade de manutenção estanque e compartimentada da sociedade, do meio ambiente, do Estado, do capital e do trabalho, e das ciências.

A sociedade de doutores e pós-doutores forjados na fornalha da educação formal e desprovidos de educação emocional e informal, institucionalizados por uma formação empática de um processo e não de empatia sistêmica, harmônica e totalizante e interação-integração, herméticos na caserna de sua própria veleidade e técnica, não são capazes de reorganizarem uma sociedade que atualmente sofre todos os influxos da corrupção moral, material e espiritual, do egocentrismo, da miséria, da guerra, da marginalização socioambiental, das doenças, da alimentação precária e de baixa qualidade, e da vinculação a modelos pré-concebidos em instituições que existem para proteger e manter seus institucionalizados em nome da estabilidade do Estado.

É que a sociedade está colhendo os frutos de todos os descompassos entre desenvolvimento e o equilíbrio proto-espiritual; colhemos as consequências do desenvolvimento predatório e inconsequente, individual e parcial, das intervenções estatais desmedidas em protecionismo de interesses de grupos, disfarçadas de nacionalismo, de defesa de cotas, de classes, de raças, de justiça; descompasso entre o justo e o desvio tolerável de uma conduta; descompasso entre direitos e igualdade; descompasso entre a verdade elaborada, versada e verbarizada e a verdade real e vivida; descompasso entre liberdade e respeito, entre igualdade e oportunismo; descompasso entre administrar e locupletar; descompasso entre investimento, trabalho e renda e função social; descompasso entre educação formal e educação informal; descompasso entre pais e filhos; descompasso entre ter e ser; descompasso entre *onto* e *holo*.

Os distúrbios existentes hoje são frutos da sementeira de nossos antepassados que instrumentalizaram para si as instituições que deveriam ser de todos e para todos, formando pessoas estanques, herméticas, egoístas e predatórias, cuja ciência moderna não mais é capaz de equilibrar, pacificar, estabelecer uma diretriz basal de sustentação à medida que até mesmo a mentira se firma como verdade, o injusto como justo, o tolo como sábio, o ímpio como santo, o culpado como inocente, ao sabor das ondas dos interesses momentâneos que exigem demasiada intervenção no presente e no futuro em todas as direções para se sustentarem, e assim, abrem-se

fissuras nas blindagens relacionais estabelecidas como metodologia científica de fundamentação, aplicação e relacional. As castas ficam expostas. O oportunismo se torna instrumento necessário à ascensão em substituição ao fazer como função social das atividades humanas capaz de gerar oportunidades pacíficas e justas, mais iguais e menos egoístas.

Com esta introdução, poderíamos ampliar um mero texto e transformá-lo numa tese tamanha a complexificação e indiscernibilidade entre o todo multinacionalista e a realidade individualizada de países, cidades, estados, grupos e interesses individuais, que manipulam a realidade em busca da manutenção deste estado de coisas, rotulado de estabilidade das instituições e dos princípios democráticos.

Até quando?!

Até quando permitiremos que outros falem como se investidos no poder de compreender o real querer de um povo?

Até quando permitiremos que outros nos entreguem suas versões e visões como algo acabado e pronto a ser digerido como única opção possível para uma politização socioambiental?

Até quando queremos uma sociedade mais justa e solidária sem pagarmos o preço necessário para construí-la?

Até quando aceitaremos que as autoridades do povo não sejam igualmente servidores do povo, como qualquer servidor público deve ser?

Até quando aceitaremos que a fonte de todos governos, de todas nações, de todas autoridades seja menosprezada, instrumentalizada e mercantilizada a serviço de interesses institucionais?

Até quando permitiremos que o Estado mantenha fórmulas de constituição juspolítica ao sabor dos interesses de grupos?

Até quando acreditaremos em reformas e mudanças pela caneta e não pelo concreto, dia a dia, da vida social?

Até quando aceitaremos a mesmice política do discurso de promessas vãs, do político-provedor e não servidor, gestor de um aparato social e para a sociedade como um todo holístico?

Até quando ficaremos a esperar que eleitos provejam aquilo que devemos obter pela força do trabalho e pelo cumprimento da função social?

Até quando permitiremos ser regidos por leis formais e não por normas construídas a partir das transformações e necessidades sociais?

Até quando nos esconderemos no formalismo/legalismo como preguiçosos que preferem a máscara à beleza resolução social por mais assustadora que seja?

Até quando aceitaremos a administração dos “poderes” do Estado com fundamento apenas no formalismo da legalidade de gastos?

Até quando toleraremos o egoísmo, o individualismo, e a pessoalização dos poderes, dos bens, dos recursos, e dos deveres públicos?

Até quando aceitaremos que obras públicas sejam realizadas negligente e imprudentemente em malversação de recursos, em sucateamentos estruturais, para gerar a perpetuidade de serviços terceirizados?

Até quando aceitaremos sigilosos os atos de empresas estatais, incrustradas no Estado para manter e proteger *interesses privados*, como se não subordinassem ao poder social e à legitimidade do povo?

Até quando permitiremos que os sistemas financeiros sejam fonte de renda para o crescimento apenas de alguns?

Até quando admitiremos que servidores públicos, concursados ou nomeados, se encastelam nos “poderes” do Estado, transmutando a estabilidade em vitaliciedade e até em hereditariedade?

Até quando permitiremos que os jovens políticos aprendam e se aperfeiçoam nos átrios da corrupção, do ilusionismo, da hipocrisia, da falsidade e da mentira?

Até quando admitiremos o conformismo ou até o silêncio em troca de promessas dirigidas, individuadas, de bem-estar pessoal?

Até quando aceitaremos que cargo eletivo se transforme em carreira e sobretudo, em profissão?

Até quando manteremos no poder quem jamais deveria ter sido alçado?

Até quando admitiremos que as instituições continuem sendo o abrigo do ímprobo e do ímpio?

Até quando permitiremos que em nome da integralidade e segurança do Estado se erigem “sigilos” e “atos sigilosos” dos gabinetes?

Até quando permitiremos que autoridades institucionais permaneçam equidistantes da sociedade a que pertencem, ditando regras como um supra-ser onisciente?

Até quando admitiremos que o direito não seja mais um reflexo do Direito frente à realidade vivida, mas, da formalização de uma verdade que se forja segundo os interesses institucionais e transnacionais?

Até quando aceitaremos o fundamento da *proteção das instituições* como legítimo pressuposto para a omissão, para a negligência, para a imprudência, para a contradição juspolítica e para a ostentação e manutenção da impiedade?

Até quando aceitaremos que a verdade seja aquilo que as autoridades institucionalizadas dizem e não aquilo que emana da realidade vivida?

Até quando iremos suportar que a mentira se torne verdade só por ter defensores teóricos?

Até quando iremos aceitar um discurso de aplicação fundado em retórica institucional?

Até quando iremos conceber o discurso de fundamentação fora da realidade vivida?

Até quando aceitaremos uma justiça desigual, transmutada e reinventada em cada momento segundo o seu destinatário ou personagens do processo?

Até quando instruiremos nossos filhos na lei da vantagem, assentando-os na “roda de escarneadores”?

Até quando aceitaremos instituições de classe cooptarem seguidores cegados pelos eloquentes discursos de retórica?

Até quando toleraremos o aliciamento de trabalhadores, fonte da energia das instituições?

Até quando toleraremos uma educação medíocre, de baixa qualidade, composta por “cegos guiando cegos”, dirigidos por modelos pré-constituídos e fechados?

Até quando conceberemos um modelo de educação que não inter-relaciona-se com a sociedade, com o seu entorno?

Até quando conceberemos o crescimento individual sem a promoção do entorno?

Até quando admitiremos o crescer sem fazer crescer?

Até quando conceberemos uma família meramente casual, alienada da realidade e presa ao individualismo, ao egoísmo, ao isolacionismo tecnológico e inteiramente hedonista?

Até quando aceitaremos a substituição de pais educadores informais, tutelares e disciplinadores por pais meramente provedores?

Até quando permitiremos o agigantamento da xenofilia e o desprezo à beleza própria?

Até quando a maledicência e os juízos substituirão a aceitação, a compreensão, a fraternidade, o produzir, a verdade e a liberdade?

Até quando transmitiremos a importância do ter em substituição ao ser?

Até quando admitiremos que o dever de informar se converta em poder de instruir e cooptar seguidores?

Até quando trocaremos a honestidade, a honradez, a verdade e a justiça, pelo escarnio e pela vantagem pessoal?

São questionamentos que nos levará a uma lucubração, a uma catadupa de ideias que, sem a pecha da utopia, promoverão um reajuste social, educacional, socioambiental, sociopolítico e sociojurídico, sem as peias e armadilhas das ações de guerrilha, do entrincheiramento e segregação de classes, pois, juntos ou não, estamos no mesmo barco chamado Terra!

TELMO ARISTIDES DOS SANTOS-ADVOGADO

28.06.17